

Lula mostra desgaste, mas quer ir até o fim

Segundo Genoíno, candidato ainda prefere apostar na pequena chance de segundo turno

DOCA DE OLIVEIRA
e MARIÂNGELA GALLUCCI

BRASÍLIA – A duas semanas das eleições, o candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, dá sinais de cansaço, de acordo com colaboradores mais próximos. Eles admitem que o candidato está desanimado e considera o segundo turno uma hipótese cada vez mais difícil. Mas, segundo garantem, em nenhum momento ele pensou em desistir antes do dia 4.

“Na verdade, esta eleição é muito desigual”, ponderou o deputado José Genoíno (SP), lembrando que a exposição ostensiva do presidente Fernando Henrique Cardoso é “ruim” para a candidatura do petista. “Lula está muito lúcido e ainda prefere apostar na pequena chance de um segundo turno”, acrescentou.

Conforme assessores da campanha, o candidato está desgastado, mas o que ele reflete neste momento é uma espécie de “sensação de dever cumprido”. Ou seja: Lula aceitou uma candidatura que não queria, cresceu menos nas pesquisas do que as expectativas, em alguns momentos, mas vai honrá-la até o fim. Genoíno garante que, ao contrário do que pensam seus aliados, ele pretende concluir a disputa “sem baixaria” e “alertando” a sociedade da “gravidade da crise”.

Na última conversa com Genoíno, o candidato teria passado a ele a idéia de que está “cumprindo seu dever com o partido, consigo mesmo e com toda a sociedade” ao tentar a Presidência pela terceira vez

e, neste momento, estar alertando o eleitorado da gravidade da crise enfrentada pelo País.

“Eu vou dizer a verdade e, se não me quiserem ouvir, não poderão me cobrar omissão”, disse o candidato a Genoíno. “Ele sabe que o que virá depois das eleições é muito ruim para todo mundo”, comentou o deputado. “Lula quer sair da campanha com a cabeça erguida e a consciência tranqüila”, completou. “Ele está preparado para tudo.”

Apatia – Entre os colaboradores de Lula há também alguns, não poucos, que consideram muito improvável a possibilidade de o petista conseguir levar a disputa presidencial para o segundo turno. Os integrantes desse grupo acham extremamente difícil qualquer mudança no quadro eleitoral traçado pelas últimas pesquisas de intenção de voto.

Na opinião deles, num cenário em que, apesar da crise do mercado financeiro, o candidato tucano lidera a última pesquisa do Ibope, com

49%, e Lula continua a perder pontos, somando 22%, “apenas um milagre” poderá tornar viável o segundo turno projetado pelos líderes da oposição.

Para piorar, segundo esses colaboradores, Lula tem desperdiçado algumas oportunidades de tentar animar a campanha. Na semana passada, por exemplo, o petista conquistou no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) direito de resposta na TV Bandeirantes, que o acusou de irregularidades na venda de um automóvel de sua propriedade em 1995. Ao contrário do que se esperava, contou um outro assessor, o candidato não ficou entusiasmado com a chance de dar sua versão dos fatos e aproveitar os mais de 15 minutos fixados pelo TSE.



**CRÍTICA MAIOR
É PARA FRIEZA
NO HORÁRIO
ELEITORAL**



Kathia Tanamaha/AE

Ternura e desafio

O senador Eduardo Suplicy (PT), candidato à reeleição, beija sua mulher, Marta, candidata a governador, durante atividade de

campanha em São Paulo. Ele desafiou os candidatos ao Senado do PPB, Oscar Schmidt, e do PTB, João Leite Neto, a um debate. “Vo-

cê pode escolher a quadra que quiser, eu irei lá”, afirmou Suplicy, numa referência a Oscar. “Eu quero debater com você, Oscar.”

Para espanto de seus aliados, Lula recusou-se a gravar o pronunciamento que foi exibido na quinta-feira. Além disso, o PT explorou apenas 8 minutos do tempo a que o candidato tinha direito.

“Ele não estava a fim de aparecer, estava cheio do assunto e disse que não ia gravar nada”, disse o assessor. Sua presença foi substituída por uma foto, montada ao lado de uma bandeira do Brasil, acompanhada de um letrado lembrando sua carreira política e questionando a atuação da imprensa na busca de novos fatos contra ele.

Agenda – A explicação oficial do PT é que não houve como compatibilizar a agenda do candidato com o curto prazo oferecido pelo TSE para que fosse preparada a resposta. Os 7 minutos que sobraram não serão usados em nenhuma outra oportunidade.

A frieza da propaganda eleitoral na TV, criticada nos últimos

dias pelo seu vice, Leonel Brizola (PDT), que chegou a defender “mais emoção” nos programas, já chegou às ruas. Acostumado a deslocar-se em caminhões de som até os locais de seus comícios, Lula vem optando por chegar a seus compromissos em carros fechados, distanciando-se dos militantes.

Assim foi em Goiânia, onde Lula esteve na quinta-feira para participar de uma caminhada. Foi recebido por um pequeno grupo de militantes e deixou o aeroporto de automóvel rumo ao centro da cidade, onde não juntou mais do que 5 mil pessoas. De lá, o candidato seguiu para Brasília, para um comício na cidade-satélite de Ceilândia, acompanhado do governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque (PT). Também lá, a discrição imperou.

Lula desembarcou incógnito no hangar de uma empresa aérea e foi levado direto para o local por um assessor. Sua preocupação duran-

te o percurso era o voo de volta a São Paulo. “Tenho de embarcar às 9h30, senão não consigo desembarcar em Congonhas”, comentou com os assessores e jornalistas que o esperavam. O Aeroporto de Congonhas é o que fica mais próximo do centro da cidade de São Paulo e limita o pouso de aeronaves até as 23 horas.

Lula protagonizou mais um comício frio. Petistas do Distrito Federal, como o deputado Chico Vigilante, formaram um verdadeiro cordão de isolamento entre o candidato e a militância. Lula pediu votos para os candidatos do partido na capital federal e foi parcimonioso ao defender seu próprio nome para a Presidência. “Collor não ganhou de mim em Brasília, Fernando Henrique Cardoso não ganhou em 1994 e vai perder novamente em outubro”, afirmou, para uma platéia de cerca de 5 mil pessoas.